

mulamos nossa prática. Do contrário, nossas expressões involuntárias continuarão revelando o que procuramos esconder: nossa absoluta ignorância sobre o desenvolvimento emocional e intelectual.

REFLEXÕES SOBRE "A QUESTÃO DA OBJETIVIDADE DO MÉTODO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS SEGUNDO DURKHEIM"

Vera Lúcia Carvalho de Almeida

INTRODUÇÃO

A hipótese principal do presente trabalho refere-se a questão da objetividade do método nas Ciências Sociais segundo Durkheim. Posto que para ele o funcionamento da sociedade se baseia nas leis do mesmo tipo das da natureza. Partindo do pressuposto básico, onde a preposição fundamental de sua obra é de que essas leis que regulam a vida social, econômica, política são semelhante as leis naturais e portanto, a Sociedade seria portadora de uma harmonia semelhante a harmonia da natureza. Onde a Ciência Positiva, com comportamento análogo ao das Ciências Naturais, que voltada para o social seria o ponto de partida para o método na Sociologia.

Não se intenciona criar aqui uma polêmica em torno dos diferentes pontos de vistas em relação a objetividade nas Ciências Sociais, defender este ou aquele ponto de vista sobre as diferenças existentes nos critérios do método utilizado para a produção das Ciências Sociais, mas sim fazer uma reflexão sobre o tema proposto, na tentativa de elaborar apenas um exercício acadêmico.

A QUESTÃO DO MÉTODO

Inicia-se esta discussão com proposição fundamental do método sociológico, segundo Durkheim que está em que os fatos sociais devem ser tratados como coisas.

Em seu livro "As Regras do Método Sociológico", Durkheim afirma que, há em todas as Sociedades um grupo de fenômenos que têm características próprias que são distintas dos fenômenos das Ciências a Natureza; são os fatos sociais que se constituem em maneira de pensar, de sentir e de agir.

No primeiro capítulo, Durkheim, na busca da definição da especificidade do social, refere-se às características do fato social, de "exterioridade" às consciências individuais e de "Coersão" sobre elas.

No que se refere aos modos de sentir, de pensar e de agir, que

têm propriedade de existir fora das consciências individuais. Ao nascer, os homens se deparam com uma Sociedade já organizada, definida, que condiciona a personalidade individual; os fiéis, do mesmo modo, quando nascerem já encontram feitas as crenças e as práticas de sua vida religiosa; se elas existiam antes deles é porque existe, fora deles, "o sistema de sinais de que sirvo para exprimir o pensamento, o sistema monetário que emprego para pagar as dívidas, os instrumentos de crédito que utilizo nas minhas relações comerciais ... funcionam independente do uso que deles faço".

Os compromissos que devem ser assumidos pelo cidadão, pelo esposo, pelo profissional, já estão estabelecidos.

No prefácio da 2ª edição de seu livro, Durkheim referindo-se as críticas que sofreu a sua proposição da "exterioridade dos fenômenos", procura-se responder a estas críticas: segundo ele, para o senso comum o substrato da vida social é a consciência individual, uma vez que, a sociedade é composta de indivíduos, o que Durkheim contesta, dizendo: o que não

é admissível com os fatos sociais o é em outro domínios da natureza; a combinação de um certo número de elementos provocam fenômenos novos que, não resultam dos elementos isolados mas do todo formado pela sua união"; a fluidez da água, as suas propriedades alimentares não se encontram nos dois gases que a compõem mas na sua substância complexa resultante de sua associação".

O mesmo princípio se aplica a sociedade dá origem a fenômenos novos. Os indivíduos são os únicos elementos vivos e ativos da Sociedade, mas além deles, das consciências individuais, há coisas, fatos específicos, que a sociedade produz, que não são suas partes isoladas.

Assim os estados de consciência coletiva são diferentes dos estados de consciência individual.

A mentalidade do grupo tem suas leis próprias; as maneiras coletivas de agir ou de pensar têm uma realidade exterior ao indivíduo. São coisas dotadas de existência própria, diz Durkheim.

O indivíduo desempenha um papel na gênese dos fatos sociais, enquanto combina sua ação com vários outros indivíduos, tendo como resultado um produto novo. Mas a síntese da qual resulta o produto novo se processa fora dos indivíduos, têm por efeito fixar, instituir fora deles certas maneiras de agir que não dependem da vontade dos indivíduos, em particular; assim os modos de conduta, as crenças instituídas pela coletividade contribuem para o que é chamado de "instituição" conforme diz Durkheim, a Sociologia é a Ciência das instituições, de sua gênese, e de seu funcionamento.

Não só os modos de agir, de pensar e sentir são exteriores e existem fora das consciências individuais como têm um poder de coersão sobre as consciências individuais, quer eles queiram ou não. Trata-se de um "poder imperativo" de tal forma que, quando há por parte da consciência individual uma conformidade com este poder de coersão, este não se faz sentir ou se faz sentir muito pouco; mas quando há uma resistência às regras morais, regras de direito, dogmas religiosos, por exemplo, a coersão

se volta contra o ato individual, o anula, o pune ou, exige sua reparação.

Diz Durkheim que "a consciência pública reprime todos os atos que a ofendam, através da vigilância que exerce sobre a conduta dos cidadãos e das penas especiais de que dispõe".

Quando se trata de convenções sociais e, não, regras formais estabelecidas, a coação é menos violenta mas existe apesar de ser indireta. Assim, "a moda" não é obrigada a ser seguida mas, provoca estranheza e mesmo risos, quando se usa a moda de outra época; o mesmo acontece com o uso de uma língua estrangeira ou de métodos de trabalho estranhos, respectivamente ao grupo humano ou à empresa de trabalho.

Esses fatos exteriores aos indivíduos e com poder coercitivo sobre eles são qualificados por Durkheim de "sociais". Não são fenômenos orgânicos, nem fenômenos psíquicos, pois são representações, ações exteriores ao indivíduo quer no seu aspecto orgânico, quer no seu aspecto psíquico. Trata-se de fatos sociais, do domínio da Sociologia.

Assim, os fatos sociais dispõe de uma objetividade que independe do indivíduo não levando em consideração elementos biologizantes, nem psicologizantes e sim os fatores culturais.

Durkheim contesta o Individualismo Absoluto, ou seja, o indivíduo perfeitamente autônomo. Diz ele ser "incontestável que as nossas idéias e tendências não são, na sua maior parte elaboradas por nós mas nos chegam do exterior, só poderão infiltrar-se se impuseram".

Continuando a especificar os fatos sociais diz que: estes podem apresentar sob formas cristalizadas; organizações definidas, crenças e práticas constituídas como também sob forma cristalizadas, mas também objetivas e pressionáveis sobre o indivíduo. Como forma cristalizada apresentam-se as regras jurídicas, regras morais, os dogmas religiosos, os sistemas financeiros... As formas são cristalizadas, também chamadas de "Correntes do Pensamento" podem ser manifestadas em assembleias coletivas, que exercem pressões sobre os indivíduos como expressões de entusiasmo ou de contrariedade que não surgem da consciência particular, mas da consciência coletiva.

Um indivíduo pode ser conduzido a um ato de violência, estranho a sua natureza, influenciado pelo sentimento coletivo, caso negue este sentimento pode o mesmo voltar-se contra ele. O sentimento coletivo que se manifesta na Assembleia se constitui em "um produto das ações e reações entre as consciências individuais", resulta de uma energia coletiva que move a todos, na mesma direção.

A coersão como características do Fato Social pode ser muito bem explicada pela maneira de educar uma criança.

Segundo Durkheim, pela educação a criança é coagida aos hábitos alimentares e de higiene, ao estudo, ao trabalho, esta coação origina hábitos e tendências internas. Spencer concebe uma educação que objetiva a liberdade para as crianças, "deixá-las agir com liberdade" mas para Durkheim trata-se de uma pedagogia que nunca foi utilizada por qualquer povo conhecido, até então.

Acrescenta Durkheim que a educação tem justamente objetivo de criar o ser social, que é ao longo da história moldado pela pressão do meio social e à sua imagem, através dos representantes e intermediários deste meio social, os pais e professores.

Durkheim explicita a questão da generalidade em relação aos Fatos Sociais. Para ele não é a generalidade que caracteriza os Fatos Sociais. O que o fato social exprime "é um certo estado de alma coletiva... o fato social é distinto de suas repercussões individuais...". O que constitui o Fato Social "são as tendências, as práticas do grupo tomados coletivamente, quanto as formas de que se revestem os estados coletivos ao refletir-se nos indivíduos são coisas de uma outra espécie".

Ele não afirma que os Fatos Sociais sejam coisas materiais, mas que se constituem coisas, tal como as coisas materiais, embora de maneiras diferentes. Durkheim afirma que é coisa todo objetivo do conhecimento que a inteligência não penetra de maneira natural, e sua compensação só se pode dar por meio de observação e da experimentação.

Para Durkheim, tratar os fatos como coisas não significa classificá-los nesta ou naquela categoria do real; mas observá-los com certa atitude mental. Pois os fatos propriamente ditos constituem-se em algo desconhecido, em coisas ignoradas pois as representações que podem ser formuladas no decorrer da vida são afetadas sem métodos e sem crítica e, portanto, destituídas de valor científico.

Os fatos sociais consistem em maneiras de fazer ou de pensar, reconhecíveis pela particularidade, suscetíveis de exercer influências coercitiva sobre as consciências particulares.

Durkheim afirma que este método não tem nada de revolucionário, e em certo sentido é até conservador, já que considera os Fatos Sociais como coisas cuja natureza não se modifica a nossa vontade.

Durkheim coloca que os fenômenos sociais, ou seja, fatos sociais devam ser encarados como "coisas" para que dessa maneira possam ser vistos como se desconhecesse por completo as suas propriedades características, e coloca que para entender o objetivo das ciências humanas como coisa bastará fazer uma introspecção para dentro de nós mesmos e analisarmos o processo mental de que decorrem, ou seja, encarar como "coisa" os fenômenos/fatos sociais é considerá-los como fenômenos/fatos condicionados pelas condições externas a que estamos expostos.

Este método de transportar fenômenos/fatos para a categoria "coisa" é exatamente constituído por Durkheim para eliminar qualquer hipótese de julgamento tipo "senso comum" da análise científica.

Este é o ponto de vista de Durkheim, é a referência metodológica de boa parte da literatura positivista nas Ciências Sociais, onde as leis da Sociedade não são diferentes das que regem o resto da natureza em geral.

Para Durkheim a objetividade da sociologia era estudar os fatos que obedecem as leis sociais, leis invariáveis do mesmo tipo que as naturais, o método científico é o mesmo da busca pela objetividade e pela naturalidade.

O FATO SOCIAL

Como já foi visto anteriormente Durkheim, afirma que ao se estudar a sociedade, depara-se com as características que o indivíduo já tem ao nascer; como beber, comer, dormir, raciocinar, e que estes domínios são da biologia. E que há fenômenos que o indivíduo também já encontra pronto ao nascer; deveres, encargos, crenças, costumes, língua, leis, moral, que existem fora do indivíduo, que funcionam independentemente do uso que delas faz cada membro da sociedade, ou seja, existem maneiras de agir, pensar, sentir, fora das consciências individuais, que são exteriores aos indivíduos.

Tais fenômenos não são apenas exteriores ao indivíduo, também são dotados de um poder imperativo e coercitivo que lhe são impostos.

Neste momento percebe-se claramente a preocupação de Durkheim em delimitar o campo e a atuação da sociologia enquanto uma ciência nova.

Durkheim ainda afirma que a coerção, enquanto uma imposição só é sentida quando se vai contra ela. A coersão, para Durkheim, é uma constatação, na medida em que ele não há uma cultura sem coerção, não há sociedade sem poder, sem coerção. Partindo deste princípio ela é positiva, porque ela gera a cooperação entre os indivíduos.

Portanto, constituem uma espécie nova e é a eles que deve ser dada e reservada a qualificação de sociais, sendo de domínio próprio da sociologia.

Durkheim afirma que "... já que hoje se considera incontestável que a maioria de nossas idéias e tendências não são elaboradas por nós, mas nos vêm de fora, conclui-se que não podem penetrar em nós senão através de uma imposição, eis todo o significado de nossa definição".

A repetição de certas maneiras de agir e de pensar leva-as a adquirirem uma forma própria, uma realidade sui-gêneris que as distingue de suas manifestações através dos fatos individuais. "As manifestações privadas também têm algo de social pois resultam de um modelo coletivo, mas também dependem da constituição orgânica e psíquica do indivíduo e das circunstâncias particulares em que se encontram", trata-se de fenômenos sócio-psíquicos e não de fenômenos sociológicos.

Assim, chega-se à colocação de Durkheim. "Um fato social tende a generalizar-se ao ser imitado corcivamente, um fato social é geral por ser coletivo e nunca coletivo por ser geral ou seja, está em cada parte porque está no todo, não está no todo por estar nas partes... seu poder de expressão não é a causa mas a consequência do seu caráter sociológico.

Durkheim define pois o fato social pela coação externa que exerce ou pode exercer sobre os indivíduos e o define também por sua difusão no grupo, através de formas individuais, desde que existam independentemente destas formas.

Concluindo, diz Durkheim: um fato social é toda maneira de fa-

zer fixada ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coação exterior ou ainda "que é dado no conjunto de uma dada sociedade, tendo ao mesmo tempo uma existência própria independente de suas manifestações Individuais".

Quanto ao método de Durkheim ao que se refere no segundo capítulo, sua primeira regra fundamental é "considerar os fatos sociais como coisas".

Para Durkheim a sociologia vinha tratando dos conceitos e não das coisas. Segundo ele, Comte considerou os fenômenos sociais submetidos as leis naturais como fatos naturais, que são. Mas ficou no plano das generalidades fisiológicas, ao tentar chegar à ciência acaba fazendo das idéias seu objeto de estudo. O caráter ideológico tem sido acentuado na sociologia, diz Durkheim. Refere-se a "Moral", representada por uma idéia, que para alguns é intrínseca ao homem desde o nascimento e para os outros, se forma no decurso da história, as regras morais "não tem existência por si próprias... se resumem a tal noção fundamental aplicada às circunstâncias particulares da vida e diversificada segundo os casos". Assim o objeto da moral acaba sendo "uma idéia", trata-se de saber em que consiste a idéia da moral e não a sua natureza em si, qual a maneira como "ela se prolonga nas consciências individuais e aí ressoa".

No entanto, diz Durkheim, os fenômenos sociais são objetos - sendo objeto aquilo que é dado à observação; tratando-se de fenômenos sociais, o que é dado, não é a idéia do que consiste a moral, ou seja, uma concepção da moral mas "um conjunto de regras que determinam efetivamente a conduta".

Para poder atingir os fenômenos sociais é preciso considerá-los em si mesmos, estudá-los como coisas que em sua exterioridade nos são dadas a observação.

A partir da observação de suas características de constância e regularidade os fatos acabam se apresentando em sua verdadeira objetividade.

Tratar os fenômenos sociais como coisas significa diz Durkheim, conformarmo-nos com a sua natureza. Comte e Spencer diz ele, consideram os fatos sociais como coisas mas não os tratam como coisas.

Durkheim refere-se a psicologia que só nasce quando os estados de consciência passaram a ser considerados do exterior e não, a partir da concepção da consciência que os experimenta; ou seja, ela nasce quando trata os fatos psíquicos como coisas e diz que a sociologia também em seu progresso deve passar do estado subjetivo para a fase objetiva. "Os fatos se constituem por sua própria natureza fora das consciências individuais uma vez que dominam". Ex: o direito existe nos códigos, a moral, nas regras morais.

No prefácio de seu livro, em sua 2ª Edição Durkheim refere-se às controvérsias provocadas pela proposição básica de seu método, segundo o qual "os fatos sociais devem ser tratados como coisas", considerando que o objetivo de qualquer ciência é uma coisa.

Foi considerado escandaloso que Durkheim tivesse assimilado

às realidades do mundo exterior as realidades do mundo social.

Durkheim responde as críticas dizendo que seu objetivo "não é o de rebaixar as formas superiores do ser até as formas inferiores mas, pelo contrário, é reivindicar um igual grau de realidade para ambas".

Durkheim diz que os fatos sociais são coisas tais como os fatos materiais, mas de outra maneira; diz ele que os fatos sociais propriamente ditos são ainda coisas desconhecidas, não tem tido valor científico pois se apresentam sem métodos, sem críticas. A consciência que se tem tido sobre os fatos só nos tem proporcionado impressões sugestivas, confusas e não noções objetivas, conceitos explicativos.

Para Durkheim, tratar os fatos sociais como coisa, significa para o sociólogo colocar-se no estado de espírito dos físicos, químicos ou fisiologista na busca do conhecimento científico; significa colocar-se diante do mundo social com a consciência de estar diante do desconhecido, diante de fatos cujas leis se desconhece.

No atual estado da ciência, diz ele, ainda não se sabe o que as instituições sociais como o Estado, a Família, o contrato, a pena... ignorem-se as causas de que dependem, as suas funções e suas leis de evolução.

Procura-se, diz Durkheim dogmatizar-se sobre todos os problemas ao mesmo tempo, acreditando-se chegar a essência dos fenômenos. Tais teorias diz ele, não exprimem os fatos mas a noção prévia que o sociólogo tem antes de realizar a pesquisa. Durkheim contesta a pré-noção dizendo que se trata de uma "idéia" que se tem das práticas coletivas e esta idéia é um fato, que deve ser estudado do exterior, é preciso encontrar os sinais exteriores, as causas externas que a determinam.

Como o método científico deve considerar os fatos sociais que, pela sua natureza, tende a constituir-se fora das consciências individuais, é preciso, para captar a realidade dos fatos sociais, uma disciplina rigorosa cujas regras são:

1) É necessário afastar sistematicamente todas as noções prévias o que, segundo Durkheim, constitui a base de todos os métodos científicos. O sociólogo deve realizar uma análise fria, libertar-se das falsas evidências, depurar-se dos sentimentos (paixões pelas crenças políticas, religiosas, morais) ultrapassar também as categorias empíricas. Uma ciência, segundo Durkheim supõe pensar com o entendimento e não sínteses confusas imediatas.*

2) Todas as investigações científicas se debruçam sobre um determinado grupo de fenômenos, abrangidos por uma mesma definição.**

A primeira tarefa do sociólogo é definir aquilo que irá tratar, definir assim o objetivo de uma ciência.

Quando a pesquisa se inicia, as características dos fatos, elementos integrantes de sua natureza, propriedades concretas e não uma noção ideal, são aquelas imediatamente visíveis. As características mais profundas, as essenciais são desconhecidas, no início da pesquisa.

Diz Durkheim, que deve adotar-se a regra: "Tomar sempre para objeto de investigação um grupo de fenômenos definidos por certas

características exteriores que lhe sejam comum e incluir na mesma investigação todos os que correspondam a esta definição". Por exemplo, o crime: (há um conjunto de atos que tem as mesmas características exteriores (recebem uma penalidade) e que se constituem num grupo sui-gêneris que se chama genericamente de crime.

O pesquisador parte da realidade, classifica os fatos a partir de suas propriedades sensíveis.

Inicialmente é o conceito vulgar que informa ao sociólogo sobre a existência dos fenômenos, que possuem características exteriores comuns e metodicamente observadas, indicam a via chegar à essência das coisas. Assim, Durkheim coloca que todas as idéias científicas ou não decorrem dos dados sensíveis, ou o conhecimento especulativo e o conhecimento vulgar, prático, têm o mesmo ponto de partida.

3) Considerando que a sensação é facilmente subjetiva, a definição do objeto de pesquisa deve se basear em características exteriores, o mais objetiva possível.

Para Durkheim uma sensação é objetiva de acordo com a definição mais parecida do objeto: "a condição de toda a objetividade é a existência de um ponto de referência constante e idêntico, com o qual a representação pode ser relacionada e que permite eliminar tudo o que ela tiver de variável logo de subjetivo"

A vida social tende a transformações dificultando ao investigador o estudo da realidade social mas, diz Durkheim que a vida social, apesar de seu movimento, apresenta a particularidade de se cristalizar através de formas definidas, permanentes como as regras jurídicas morais, que se distinguem das impressões subjetivas.

Pode-se perceber que, desta maneira, não há fato social sem coersão. Para Durkheim, só existem fatos sociais na medida em que exista uma organização definida, bem como correntes sociais com estas mesmas características, mas que são aparentemente fatos sociais, embora não se apresente de forma cristalizada, e que tem o mesmo efeito de fatos sociais. Ele entende por fatos sociais, as crenças, tendências, práticas de grupo tomadas coletivamente:

Segundo Durkheim quando a detecção do que é fato social não se apresenta com nitidez é preciso se desprender (neutralidade), a fim de observá-lo em estado de pureza. Ou seja, desembaraçar os fenômenos sociais de qualquer elemento estranho. E que o fato social é reconhecível pelo poder de coersão externa que exerce ou é suscetível de exercer sobre os indivíduos. E que a presença deste poder é reconhecível por sua vez, seja pela existência de alguma sanção determinada, seja pela resistência que o fato opõe a qualquer empreendimento individual que venha a violentá-lo. Sendo que a coersão é fácil de constatar quando ela se traduz no exterior por qualquer reação direta da sociedade (direito, moral, crença, etc...) enfim, toda a estrutura política de uma sociedade, o modo de diferentes segmentos, seus hábitos de viver uns com os outros.

Portanto pode-se identificar como Fato Social toda maneira de

agir fixa ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coersão exterior, ou então ainda, que é geral na extensão de uma sociedade dada, apresentada na existência própria, independente das manifestações individuais que possa ter.

Para Durkheim, ao se analisar uma "espécie de instituição" deve-se encontrar alguns sinais exteriores (aos indivíduos) que legitima a existência e a função dessa instituição, ou melhor, será analisando o "externo" e não o "interno", que se poderá perceber o nível de desenvolvimento desta "instituição".

Percebe-se que nessa posição, que Durkheim parte do "todo" para a análise da realidade e que é nas idéias dos indivíduos (criadores de fatos sociais) que encontra respostas para a suas análises.

O método sociológico para Durkheim apresenta alguma característica em que a sociologia tem que ser independente de qualquer filosofia. A sociologia tem que ser independente de qualquer filosofia. A sociologia tem que determinar o seu objeto, sem envolver-se com pré-noções ou doutrinas políticas, mas se interessar por elas na medida em que as vê como grupos, fenômenos sociais que podem auxiliá-la a compreender a realidade social, ou seja, que o social, a representação, a ação o orientem de tal forma a levar para uma prática da sociologia.

Este método que para Durkheim é objetivo, que é dominado pela idéia de que os fatos sociais são coisas e que portanto devem ser tratados como tal é que fundamenta o ponto de vista disciplinar do cientista quando aborda seu objetivo. Na medida em que os cientistas considera os fatos sociais como coisas sociais, estaria trabalhando com um princípio exclusivamente sociológico, e a tornaria uma ciência distinta e autônoma que compreenderia os fatos sociais, assim possuindo objeto próprio.

03. REFLEXÕES

Segundo Goldmann " o estudo científico dos fatos humanos não pode fundar logicamente, por si só, nenhum juízo de valor... o pesquisador deve esforçar-se por chegar à imagem adequada dos fatos, evitando toda a deformação provocada por suas simpatias ou por suas antipatias pessoais".

Como se vê, Goldmann concorda com Durkheim. E ele acrescentou que Max Weber e Georg Lukacs tem a mesma opinião. Trata-se, diz Goldmann, de conquistas para a ciência.

Quando, porém Durkheim coloca a regra fundamental de seu método "tratar os fatos sociais como coisas", conforme ele mesmo se refere na 2ª edição de seu livro, as críticas e as divergências se manifestam em relação ao problema da objetividade.

Para Durkheim, tratar os fatos sociais como coisas, significa que o sociólogo se coloque nas mesmas condições de trabalho que os físicos, químicos, fisiólogos, suprimir toda a promoção ou qualquer juízo de valor.

Para Goldmann há uma diferença entre estas condições, não de grau, mas de natureza. Não há contestação quanto ao conhecimento das ciências físicas, químicas, etc..., pois não há choque de valores ou de interesses de classes sociais na busca do seu conhecimento mais adequado. Assim, só a falta de qualidades pessoais, exigidas pela pesquisa científica, pode dificultar a objetividade no conhecimento destas ciências.

Na contestação de Weber, diz Goldmann, não se trata só de uma diferença de objetos físicos e sociais, mas sim, uma diferença de perspectiva. Os primeiros procuram leis legais, os segundos um estudo objetivo, explicativo e compreensivo. Para Weber, intervêm os juízos de valor somente na escolha e na construção do objeto; a seguir é possível estudá-lo de maneira objetiva independente dos juízos de valor. Considera negligenciáveis os elementos que são eliminados para garantia da objetividade. Como vemos, Weber delimitava com rigor quando suprimir ou não os juízos de valor.

Goldmann, colocando-se na perspectiva das classes sociais, discorda de Weber, para ele cada classe social tem seus valores e o que Weber considera elementos negligenciáveis, pode ser dispensável a uma classe e para outra, ser essencial.

Weber, diz Goldmann em seu livro, se coloca em posição intermediária, entre o desconhecimento do "determinismo sociológico" de Durkheim e a sua aceitação integral pelos marxistas. Para Lukacs, todo o pensamento sociológico sofre influências sociais, cabe ao pesquisador admiti-las integrando-se na investigação científica, reduzindo o mais possível a sua influência deformante.

Como vemos, a questão da objetividade no conhecimento científico tem uma relação, parece-nos essencial com a questão da ideologia e da ciência.

É importante colocar que a regra do método de Durkheim "tratar os fatos sociais do exterior, como coisas" teve grande influência na sociologia contemporânea nos Estados Unidos e na Europa. Porém as obras de Durkheim e de Weber eram "ricas de material empírico concreto, como em teorias explicativas gerais".

Hoje, porém, no dizer de Goldmann há um afastamento entre a pesquisa e a teoria na sociologia americana, também houve transformações significativas nos métodos de pesquisa em relação ao período clássico, mas são métodos que conservam um traço comum com os métodos de Durkheim no que se refere a tratar os fatos sociais, do exterior, como coisas análogas às coisas das ciências físicas.

Levanta-se a questão de saber se os conhecimentos que decorrem deste método são na realidade mais objetivos. De acordo com Goldmann, os partidários desses métodos, mesmo antes de começar a pesquisa, já se posicionaram pela ordem social vigente, considerada ordem normal, justificável por si mesma. A partir disto, estes métodos, como a microsociologia por exemplo, enquadrados numa visão de conjunto, passam a "deformar" desde quando tentam compreender as relações entre os indivíduos que compõem uma coletividade parcial (uma aldeia, uma escola),

fora das classes sociais, alheando-se aos antagonismo, equilíbrios ou colaboração entre essas últimas, diz Goldmann, pré-noções implícitas na sociologia contemporânea.

Goldmann cita R. König, professor de sociologia das Universidades de Zurique e de Colônia que define a sociologia como "um elemento do processo de auto-domesticação social da humanidade, para quem o problema essencial da sociologia é a adaptação do indivíduo à sociedade e não das crises e do progresso histórico e, que propõe um conceito de "revolução permanente", para neutralizar a revolução real".

Diante destes argumentos, Goldmann considera reconhecida a

existência de juízos de valor, quer consciente ou não, na teoria científica.

Coloca-se, a partir deste ponto de vista de Goldmann, a questão do "critério da verdade no conhecimento científico e de seu possível, ou não, relativismo. Se as ideologias estão por assim dizer no pano de fundo da ciência, pergunta-se se elas equivalem nas suas possibilidades de investigação da verdade.

Se as possibilidades de uma são superiores as possibilidades da outra, se na preferencial por uma ou outra, as opções resultam de razões individuais.

Goldmann levanta estas questões e as responde. Para ele as diferentes perspectivas e ideologias não se situam no mesmo plano, do ponto de vista da ação sobre o pensamento científico.

"Certos juízos de valor permitem maior compreensão da realidade do que os outros. Entre duas sociologias antagônicas, o primeiro passo para saber qual das duas possui valor científico maior é indagar qual delas permite compreender a outra como fenômeno social e humano, isolar sua infra-estrutura e iluminar graças a uma crítica imanente suas consequências e seus limites".

Para Goldmann, outra colocação que impõe a reflexão, é a possibilidade do indivíduo ultrapassar o conhecimento real de todas as classes, ultrapassar os limites da consciência possível do grupo, que atingiu sob o ponto de vista da teoria científica, o conhecimento mais amplo. Em casos excepcionais isto é possível, na posição de Goldmann, desde que se considere as dificuldades que decorrem, na investigação da ciência, da interferência da luta de classes sobre as consciências do homem em geral e sobre a sua própria consciência, desde que enfrente preconceitos, verdades consideradas evidentes, a qualquer ortodoxias, como diz Goldmann, que efetue uma crítica contínua à ação do grupo e de seu próprio pensamento sobre si mesmo, sobre as pré-noções explícitas ou implícitas e sobre os resultados atingidos, e ainda, ao se colocar diante de sua posição e a posição dos outros, reportá-las ao mesmo tempo a sua infra estrutura social para, compreendendo-as, desprender a parte da verdade que contenham.

Aberto a crítica contra inclusive a sua própria posição, realizando os trabalhos científicos na medida máxima de suas possibilidades, inserindo-se o mais possível na vida social concreta, poderá o indivíduo se considerar com as condições de homem de ciência, diz Goldmann.

Assim, para Goldmann, em contra posição a suposta negação total de ideologia e juízos de valor por Durkheim, ao tratar os fatos sociais, é da maior importância o tratamento do fenômeno das ideologias no método científico, voltado para as ciências sociais.

CONCLUSÃO

Ao final do presente trabalho, não se pretende tirar conclusões apressadas em cima de hipóteses levantadas inicialmente. Mas apenas levantar algumas considerações que permitam a continuação e aprofundamento deste estudo, e posteriormente confrontá-lo com outras teorias.

Para o pensamento Durkheimiano, as ciências da natureza são objetivas, neutras, livres de juízo, de valor, de ideologias, da mesma forma, as ciências sociais também devem ser.

Segundo a hipótese levantada, a sociedade humana sendo regulada por leis naturais, ou por leis análogas a da natureza, independentes da vontade e da ação humana, regulariam o funcionamento da vida social, econômica, política, reinando na sociedade a harmonia semelhante a harmonia da natureza.

Neste caso, os métodos e procedimentos para se conhecer uma determinada sociedade são exatamente os mesmos que são utilizados para se conhecer a natureza, sendo portanto, a metodologia das Ciências Sociais idêntica à metodologia das Ciências Naturais.

Se a sociedade é regida pelas leis do tipo natural, tidas pelo pensamento Durkheimiano como ciências objetivas neutras, livres de juízo de valor, de ideologias políticas, sociais, a Ciência Social deve funcionar de acordo com esse modelo de objetividade científica. Ou seja, o cientista social deve estudar a sociedade com a mesma objetividade científica das leis que estudam astronomia, biologia etc..., com a mesma objetividade, neutro, livre de juízo de valor, livre de qualquer ideologia ou visão de mundo, da mesma maneira que o físico, o químico etc.

Desta forma, este pensamento, parte a idéia de que a ciência só pode ser objetiva e verdadeira na medida que elimina totalmente qualquer interferência de preconceitos e prenoções.

Para Durkheim, o sociólogo deveria se colocar no mesmo estado de espírito que os químicos e os físicos quando executam suas investigações científicas.

Ele ainda afirma que as Ciências sociais não podem tomar posição por doutrinas políticas/sociais, ideologias, sendo estas consideradas por seu pensamento como doutrinas, prejuízos ou pré-noções. Esta recomendação apareceu com insistência em seus estudos, ele acredita que o sociólogo deve fazer calar seus preconceitos e as suas paixões, não importa quais sejam. O sociólogo, ao tomar estes cuidados ao estudar a realidade social, evitaria viseiras ao buscar a objetividade.

Enfim esta maneira de se pensar do pensamento Durkheimiano pode ser considerado uma "receita, que a partir do momento em que o sociólogo cala suas paixões, sua ideologia-opondo-se com calma, imparcialidade, sangue-frio-resolveria o problema da objetividade através da neutralidade.

Significando que não só há a necessidade mas a possibilidade de existir uma ciência social desligada de qualquer vínculo com posições e doutrinas políticas/sociais, valores, ideologias, visões do mundo.

BIBLIOGRAFIA

1. DURKHEIM, Emile. **As regras do Método Sociológico**. São Paulo. Comp. Editora Nacional. 1972. Cap. I e II.
2. GOLDMANN, LUCIEN. **Ciências Humanas e Filosofia o que é a Sociologia**. São Paulo. Difel Divisão Editorial S/A 1984.
3. RODRIGUES, José. DURKHEIM, Sociologia. São Paulo. Ática...1984.
4. ORTIZ, Renato. Apontamentos das Aulas do Curso: **DURKHEIM E A SOCIOLOGIA FRANCESA**

ATIVIDADE FÍSICA APÓS O INFARTO DO MIOCÁRDIO

AUTORA: Maria Aparecida Vivan de Carvalho
Docente do Centro de Estudos Superiores de Londrina.

EXERCÍCIOS QUE DEVEM SER EVITADOS

Obrigatoriamente, a prescrição de um programa de exercícios físicos deve conter especificações quanto à duração, intensidade, frequência e natureza dos exercícios.

O exercício anaeróbico deve ser evitado em pacientes que sofreram infarto do miocárdio, pois promove grande débito de oxigênio, levando ao acúmulo de ácido láctico, acompanhado de sensação de fadiga física, que leva à interrupção do esforço sem que se atinja um estado de condicionamento.

Alerta-se também para a não utilização dos exercícios isométricos, tanto durante a fase de deambulação precoce, como durante o período de convalescença. O exercício isométrico determina maior demanda de oxigênio pelo miocárdio, devido a uma resposta pressora exagerada.

ATUAÇÃO MÉDICA NA REABILITAÇÃO CARDÍACA

As provas de esforço devem ser realizadas por um médico, que poderá ou não orientar os pacientes para um programa de reabilitação por condicionamento físico, cabendo ainda ao mesmo, a prescrição da atividade física a ser desenvolvida.

Todos os programas de exercícios devem ser prescritos e controlados pelo médico, pois não é bom para ninguém se o paciente morrer subitamente quando executa exercícios sem critério e sem supervisão.

Ao cabo de três meses de exercícios regulares, o paciente deve ser reavaliado completamente, inclusive através de novo teste ergométrico, necessariamente realizado em condições idênticas às do primeiro teste, que vai